

O jogo da amarelinha

“No mesmo instante em que ele lhe amalava o noema, ela dava-lhe como o clêmiso e ambos caíam em hidromúrias, em ambônios selvagens, em sústalos exasperantes. Cada vez que ele procurava relamar as incopelusas, emaranhava-se num grimado queixoso e tinha de envulsionar-se de cara para o nóvalo, sentindo como se, pouco a pouco, as arnilhas se espechunassem, fossem se apeltronando, reduplimindo, até ficar estendido como o trimalciato de ergomanina no qual se tivesse deixado cair umas filulas de cariacôncia. E, apesar disso, aquilo era apenas o princípio, pois, em dado momento, ela tordulava seus hurgálios, consentindo que ele

aproximasse suavemente os seus orfelúnios. Logo que se entreplumavam, algo como um ulucórdio os encrestoriava, os extrajustava e paramovia, dando-se, de repente, o clinão, a esterfurosa convulcante das matrículas, a jadeolante embocachuva do orgúmio, os esprêmios do merpasmo numa sobre-umítica agopausa. Evoé! Evoé! Volposados na crista do murélio, sentiam-se balparamar, perlinos e márulos. Tremia o troque, as marioplumas eram vencidas, e tudo se resolvivara num profundo pínice, em niolamas de argutendidas gasas, em carínias quase cruéis que os ordopenavam até o limite das gúnfias.”

Julio Cortázar, Cap. 68